

CONTO FINAL!

END STORY!

Sergio Vale da Paixão¹

Abruptamente, como o despertar de um cochilo, saltou do sofá certo de que teria, naquela tarde, de resolver seu conflito. Fora um sonho ou um aviso dos anjos – ele acreditava em anjos. Algo naquele breve sono o despertara e o impulsionava a tomar uma atitude.

Por muito tempo, sentia-se incomodado em aceitar o que chamavam de óbvio e natural: perder um amigo por quem mantinha um apreço sobrecomum. É certo que outros motivos, maiores e mais contundentes, também os motivaram a tomar aquela distância um do outro, mas parecia que o silêncio, presente em ambos os lados, alimentado por um orgulho ainda maior, havia sido o grande responsável por tudo.

Com a boca amarga, vestiu sua melhor camiseta preta com caveiras estampadas de alto a baixo, um livro de sua autoria em punho, presente selecionado no último novembro para dar-lhe na ocasião de seu aniversário, mas que, por decisão própria, decidiu não encaminhar pelos Correios. Entrou no carro, rápido e ofegante, com rompantes de dúvidas se faria ou não a coisa certa, mas convicto de que deveria ao menos partir e tentar acabar com aquilo de uma vez por todas.

Saiu de casa.

O posto de combustível parecia nunca ter causado tanta espera. A fila dobrava a esquina. Aproveitou, calibrou os pneus. Ofegante, como no despertar do sono, parou na loja de conveniência para apanhar algo que pudesse tapear sua fome. Sua ansiedade poderia, por vezes, ser fome. Pegou chocolates, duas ou três barras, as maiores que viu, mas deixou-as de lado quando lembrou que não estava comendo doces. Apanhou uma lata de cerveja, mas a devolveu em seguida, quando lembrou que estava dirigindo. Ficou

¹ Professor do Instituto Federal do Paraná – Jacarezinho. Pós doutorado em Letras (UEM). Doutor em Psicologia pela UNESP e Mestre em Estudos da Linguagem – UEL.

só com a água na tentativa de minimizar o amargo da boca. Levou duas garrafas. Pagou com moedas que juntava para pagar pedágios quando percebeu sua carteira vazia.

Acelerou e teve a impressão de ouvir ruídos estranhos no motor, mas foi mesmo só impressão, logo voltou tudo ao normal. Estava sensível aos barulhos, aos ruídos, a tudo. Pegou a estrada numa velocidade baixa, não passou dos 100 quilômetros por hora, às vezes desacelerava ainda mais e parecia não querer chegar tão rápido assim. Tinha a sensação de que não seria bem-vindo e temia os olhares de reprovação pela sua chegada não esperada. Seus pensamentos eram juízes que ora o absolviam, ora o castigavam pela atitude.

Aquela manta escura de asfalto negro, com buracos durante todo o percurso, parecia lhe dizer algo, como se tentasse impedi-lo de seguir a viagem quando um ou dois buracos surgiam imensos em sua frente. No céu, poucas nuvens cobriam a luminosidade oferecida pelo sol. Tentava tirar conclusões de tudo, mas era impulsionado por uma força maior, que não o deixava desistir da ideia. Seguiu mais alguns quilômetros de estrada, pensativo e, agora, transpirando muito. Suor, medo, timidez e nervosismo.

Lentamente, fazia o carro virar as esquinas, adentrava a cidade como se fosse a primeira vez. Não que tivesse estado ali muitas vezes, mas o suficiente para conhecer o caminho. Olhava para os lados. Temia os olhares reprovadores das pessoas. Os quilômetros nunca foram tão longos como naquela tarde. Subiu a rua alta, avistou ao longe a caixa d'água, dobrou a esquina, avistou o muro da escola e lá estava ele, sem avisar. Não percebera que dirigira até lá com seu livro, aquele antigo presente, em seu colo.

Respirando fundo, depois de mais um gole de água, resolveu descer...

Livro na mão. Encontrou silêncio no portão, não havia mais latidos ao fundo, nem som de cordas desafinadas de um instrumento qualquer que por ali, quando de suas passadas quietas nas madrugadas, podia-se ouvir. Portas fechadas. Placa de anúncio de aluguel pendurada à porta da sala. Garagem carregada de folhas secas e panfletos velhos de jornais de supermercados que o vento se encarregou de depositar ali, no silêncio, no vazio. Não havia ninguém mais morando naquela casa, pelo que tudo indicava.

No rosto, um sorriso sem cor, sem graça... olhando para o pátio da escola, na frente da casa, tinha a sensação de que todos o olhavam, satirizando sua atitude. Parecia que

todos tinham algo a dizer! O nervosismo já estava indo embora, sobreposto agora por um sentimento de vergonha de si mesmo, ou algo semelhante.

Com o sorriso ainda mais triste e o coração partido, com vontade de chorar, deu passos em direção ao carro, tropeçou em uma pedra saliente da calçada, apoiando-se à lixeira para não cair. Resolveu, sem pensar duas vezes, deixar ali mesmo, na lixeira, o livro que carregou com esmero e carinho para entregar-lhe. Levá-lo de volta para casa não faria mais sentido. Apoiando-se naquele suporte de ferro, percebeu um saco de lixo semiaberto e, nele, um pedaço de papel, escrito, rabiscado. Havia ali palavras e versos rascunhados como uma tentativa de composição naquele papel de caderno. Os traços das letras escritas com caneta preta e o estilo dos versos compostos lhe eram peculiares e traziam sinestésias, lembranças e sensações. Questionou, por alguns instantes, a possibilidade de tomar para si e tê-lo de lembrança, para sempre, porém hesitou.

Resolveu deixar os versos ali, agora amassados, ao lado do livro. Eles permaneceram juntos, livro e composição, que por orgulho e descuido, foram permitidos a terminar juntos, no lixo.